

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E**  
**INSTITUCIONAL**

**Beatriz Kauri dos Reis**

**DA ATOPIA AO LAÇO SOCIAL**

**Porto Alegre**  
**2006**

Beatriz Kauri dos Reis

DA ATOPIA AO LAÇO SOCIAL

Dissertação apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia Social e Institucional. Programa de  
Pós Graduação em Psicologia Social e  
Institucional. Instituto de Psicologia.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profº Edson Luiz André de Sousa

Porto Alegre  
2006

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Beatriz Kauri dos Reis

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “**Da Atopia ao Laço Social**”, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dissertação defendida e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliane Seide Froemming  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Poli  
Pontifícia Universidade Católica do RGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Moschen Rickes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho ao  
Centro Lydia Coriat de Porto Alegre

## AGRADECIMENTOS

Ao professor e amigo Edson Luiz André de Sousa, pela ética com que desenvolve o seu trabalho nos diversos campos em que atua. Sou-lhe muito grata pela forma como acolheu a minha pesquisa, me autorizando assim a colaborar no encontro da universidade com a psicanálise.

À equipe do Centro Lydia Coriat pelo apoio, amizade e pelas ricas trocas interdisciplinares. Mais particularmente à Nilson Sibemberg pelos apontamentos preciosos.

Aos colegas do grupo de pesquisa pela instigante curiosidade e escuta atenta.

Em especial à Silvia Raimundi Ferreira, amiga em todas as horas.

As crianças e adolescentes que a cada dia renovam e ampliam a minha clínica.

A meu marido, Ricardo pelo seu entusiasmo contagiante e pela compreensão ao longo de todo esse percurso.

A minha filha, Marília, pela doçura em momentos amargos.

*“O que é a aventura psicanalítica  
senão esta caminhada através dos atalhos  
sem cessar inexplorados, em que a verdade  
se entrevê, mas nunca se alcança?”*

*Françoise Dolto*

**SUMÁRIO**

<b>LISTA de ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>8</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PSICOSE NA INFÂNCIA .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A DERIVA NA LINGUAGEM .....</b>	<b>25</b>
<b>4 O ANALISTA DE CRIANÇA E SUAS FERRAMENTAS .....</b>	<b>28</b>
<b>5 A CONSTRUÇÃO DO CASO .....</b>	<b>39</b>
<b>6 O CASO CLÍNICO .....</b>	<b>43</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>Figura nº1: Cidade de Porto Alegre .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura nº 2: Ônibus T5 .....</b>	<b>55</b>
<b>Figura nº 3: Mapa da Região Sul .....</b>	<b>58</b>
<b>Figura nº 4: Mapa da América .....</b>	<b>59</b>
<b>Figura nº 5: Corpo Humano .....</b>	<b>65</b>
<b>Figura nº 6: Maquete Loja de Automóveis .....</b>	<b>67</b>



## RESUMO

Pretendo com essa pesquisa discutir sobre a intervenção psicanalítica junto a crianças com psicose não decidida. Trabalho levando em conta a singularidade da linguagem de uma criança com funcionamento psicótico, onde não há um eixo centralizador permanente do discurso. Neste caso a fala está à deriva, sem uma direção fálica. Procurarei demonstrar as peculiaridades de tal funcionamento, apresentando certos momentos cruciais da direção da cura dessa criança, como a construção de imagens e a construção de histórias que, de alguma forma, propiciam a unificação do sujeito, organizando-o, dando norte à sua deriva.

**Palavras-chave:** psicanálise de crianças, psicose não decidida, psicose na infância, direção da cura, deriva na linguagem.

### ABSTRACT

With this research, we intend to discuss psychoanalytic intervention for children with undefined psychosis. Our work will take into account the singularity of language of one child with psychotic functioning, where there is not one permanent, centralizer axle of speech. In this case the speech is derived without direction. We will seek to demonstrate the peculiarities of such functioning, presenting certain crucial moments in the curing of this child, such as the construction of images and stories that, in some way, propitiate the unification of the subject by organizing it and pointing to its underlying causes.

**Key-words:** undefined psychosis; derived of language; Children psychoanalysis.

## 1 INTRODUÇÃO

Abordei neste trabalho os efeitos da intervenção do psicanalista de crianças com funcionamento psicótico. Essas crianças apresentam uma particularidade na sua relação com a linguagem, uma deriva discursiva que denota uma confusão subjetiva. Encontram-se numa posição mimetizada frente ao outro, como fruto da insuficiência da função fálica, o que compromete a constituição do registro simbólico, resultando desde uma dificuldade, até mesmo uma impossibilidade, de interpretar o sentido das idéias e, conseqüentemente, de produzi-las. Com este estudo pretendo descrever o alcance que pode ter uma intervenção psicanalítica, na cura de crianças cuja hipótese diagnóstica é a psicose não decidida.

Assim, desenvolvo, em primeiro lugar, a questão da psicose na infância, fundamentando o mecanismo central desse tipo de funcionamento, isto é, a forclusão do Nome-do-Pai, a seguir apresento a tese de Jean Bergès e Gabriel Balbo sobre o Transativismo e suas particularidades na psicose. Dou continuidade à pesquisa, especificando as ferramentas do psicanalista de crianças e finalmente apresento e discuto o caso clínico de uma criança que venho atendendo ao longo dos últimos sete anos.

Julguei pertinente apresentar minha pesquisa extraída do campo clínico, por dois motivos. Primeiro, porque ainda há muito que ampliar os estudos no campo da psicose infantil, esse é um capítulo da clínica que merece mais atenção. Digo isso, porque observo que a cada dia é mais comum recebermos em atendimento, crianças com esse tipo de sintoma e nem mesmo os manuais de doenças (CID X e DSM IV) contemplam mais as psicoses na infância. O que acontece é que a classificação de autismo, passou a englobar as psicoses, como se fossem categorias nosológicas semelhantes. Consideramos isso um engano extremamente danoso, uma vez que em termos de condução do tratamento psicanalítico, há uma grande diferença na abordagem de uma e outra psicopatologia.

Em segundo lugar ressalto a importância dessas crianças serem atendidas na área psicanalítica, já que a intervenção pode auxiliá-las a obter um lugar no campo social, do qual elas estavam alijadas.

## 2 PSICOSE NA INFÂNCIA

Normalmente estamos tão mergulhados no nosso fazer cotidiano, que já não nos surpreende mais determinados sinais que surgem na clínica e que apontam numa direção única. A saber, aquela em que se exige que as crianças estejam adaptadas ao seu meio, sua família, sua escola. Se não estão, espera-se que passem a estar o mais rapidamente possível e de preferência usem um medicamento capaz de devolvê-las ao “estado normal”, imediatamente. Assim sendo, estaremos economizando o tempo de todos, criança, pais, professores e terapeuta.

A clínica psicanalítica não funciona dessa maneira, o trabalho é demorado e não garante cura. Muitas vezes é preciso fazer toda uma abordagem preliminar com os pais e professores, a fim de poder contar com a reflexão e o engajamento deles na condução do trabalho, se não nada feito, sozinhos os terapeutas da infância, não podem trabalhar.

No campo da psicose infantil isso fica realçado, em função de colocar em cena uma formação de sintomas de ordem peculiar e que causa muito desconforto à criança e a seus familiares.

Lembro-me da angústia do paciente, em questão, no início do tratamento, a cada vez que um barulho mais forte irrompia o consultório, ele corria para baixo da mesa e tapava os ouvidos, como se estivesse tentando se defender de um míssil lançado em sua direção. Passado o susto, se evidenciava uma torpeza em seu

corpo, da sua boca escorria um fio de saliva, que me fazia associar ao impacto que pode sofrer um combatente de guerra, após a experiência de um combate.

Para dar conta dessa e de outras imagens que o caso clínico evoca, apresentarei agora o percorrido teórico que fiz e que me dá suporte para seguir o trabalho com crianças com psicose não decidida.

Com o advento da psicanálise, a partir de Freud se estabeleceu uma forte distinção na forma de se conceberem as psicopatologias. Já não se trata mais de fazer o levantamento dos sintomas clínicos e relacionar a um quadro nosográfico, concluindo assim de qual doença se trata. Freud foi além do concretamente observável, tomando o homem como ser de linguagem, atravessado pelo inconsciente.

Lacan por sua vez define o diagnóstico em psicanálise, a partir da relação transferencial que se estabelece entre o paciente e seu analista. Pressupõe que existem três estruturas básicas, ou seja, seriam três tipos de organização psíquica calcadas na forma como cada sujeito se defende da castração e das respostas que cada um situa para fazer frente à falta: a neurose (cuja resposta é o recalque), a perversão (cuja resposta é a recusa) e a psicose (cuja resposta é a forclusão).

Vou me ocupar aqui, eminentemente, da psicose no tempo da infância. Conforme Lacan, “A psicose não é estruturada de jeito nenhum da mesma maneira, na criança e no adulto (...) sobre este ponto ainda não temos doutrina nenhuma (...) sobre a psicose do adulto, *a fortiori* sobre a da criança, reina ainda a maior confusão.” (1955, p.135).

## 2.1 Sobre a forclusão

Remeto-me ao texto de Freud (1911) sobre o mecanismo da paranóia que apresenta os primórdios do conceito de forclusão, onde ele afirma: “Foi incorreto dizer que a percepção reprimida (*unterdrückt*) inteiramente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora.” (1911, p. 95).

Ao analisar o caso do Homem dos Lobos (1918), “História de uma neurose infantil”, Freud desenvolve o que ele chama de rejeição primordial, que seria um não querer saber nada da castração, num sentido diferente daquele que tem para o sujeito neurótico, que conta com o mecanismo do recalque (*Verdrängung*) para negar esse limite.

Lacan retomará essas questões em seu Seminário “As psicoses” (1955/1956), denominando como um “fenômeno de exclusão” essa *Verwerfung*, a qual diferencia-se da *Verneinung* (denegação) e da *Verdrängung* (recalque), ressalta o destino singular que tem esse mecanismo característico das psicoses e que Freud já apontara: “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real.”

“De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em terras exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante.” (Lacan, 1985, p.174).

O que trará como consequência a ausência da operação do Nome-do-Pai, logo não se estabelece a passagem da criança do lugar de responder à falta materna, para um outro lugar de onde ela poderia vir a constituir um saber sobre essa falta, um saber sobre o desejo. É justamente essa operação que constitui um sujeito e que é fruto da metáfora paterna.

Assim, o que se observa numa criança com tal funcionamento é que o processo identificatório, que se estabelece como herança do Complexo de Édipo, a saber, a identificação ao modo de ser de um menino ou de uma menina, não se cumpre. Essa criança ficará sujeita a um espelhamento com o outro. Será a partir de uma identificação imaginária e não simbólica, a esse outro semelhante que ela buscará parâmetros, referências para si.

## **2.2 O pré-especular e o especular na constituição psíquica**

Foi preciso começar abordando o mecanismo que está na base de qualquer psicose, seja na vida adulta ou na infância. Agora sim, poderei me deter no tempo da infância e para adentrar nesse tema, elegi dois autores franceses, à saber Jean Bergès e Gabriel Balbo que têm teorizado muito a respeito e que também afirmam que “a psicose infantil é um campo enorme e ao mesmo tempo não se diz muito sobre ele.” (2003 b, p. 33).

E mais:

Em outras palavras, a relação ao imaginário é diferencial entre psicose e autismo. E o que se passa nas instituições deve ser levado em consideração para tentar compreender certos efeitos sociais e



administrativos que atingem a exclusão do significante “psicose” em benefício do significante “autismo”. Chega-se, assim, a um alargamento aberrante, porque injustificado, do conceito e do campo e do campo do autismo em relação à psicose – que, por pouco, não existiriam mais (grande número de estabelecimentos se encarrega de autismos; quase mais nenhum trata da psicose). Não nos enganemos: o autismo é raro e a psicose na criança é muito mais freqüente. (2003 a, p.95).

Esses dois autores fizeram um estudo aprofundado do conceito de transitivismo, reinterpretado por Lacan, desde 1936, em “O estágio do espelho como formador da função do Eu (*Je*)”, reforçando o viés constitutivo da noção de eu, que o conceito introduz. Esse é um pensamento que já havia sido desenvolvido por Henry Wallon desde 1921 num novo sentido, ou seja, desprendido do acento psicopatológico que até então carregava na psiquiatria clássica. É em 1934, na obra denominada: “As origens do caráter na criança” que Wallon formaliza a aproximação que faz entre o transitivismo “mórbido” e o “normal”, afirmando: “O transitivismo precede imediatamente o instante que a criança saberá distribuir sem erro, entre ela e outro, os estados e atos que ela percebe”. (1995, p.264).

Transitar nada mais é que fazer falar o bebê, justamente aquele que ainda nada sabe da linguagem, mas que para logo vir à saber, terá que ter sido suposto capaz de fazê-lo. A função do transitivismo passa pela antecipação que a mãe faz sobre os atos de seu filho (gestos, fonações, choros/apelos), criando assim uma demanda, a partir da suposição de saber que ela empresta a ele. É um convite à fala, muito embora ela não fique esperando que ele lhe responda, no real, ao que ela lhe supôs simbolizar, imaginariamente. Essa é uma operação de recobrimento do real, pelo imaginário e simbólico.

Agindo assim a mãe cumpre sua função fundamental que é a de transformar as imagens numa rede significativa que se decifra na ordem da linguagem e não na da imagem, por si só.

Segundo Bergès e Balbo:

(...) esse jogo não se joga à dois, mas implica um terceiro. É no crédito que a mãe dá a criança em função do qual esta lhe faz uma demanda, endereçada a ela, à mãe, que está implicado esse elemento terceiro. E o que esse crédito diz é logicamente articulado à hipótese que faz a mãe: a criança é competente para lhe fazer uma demanda. Com poucos dias de vida a mãe lhe diz: "Você tem frio? Eu vou cobrir você". Ao mesmo tempo em que a mãe supõe que a criança sabe o que quer dizer "frio", supõe também que ela pede para ser aquecida. É através desse golpe de força, assim como propusemos nomear essa operação, que a mãe demanda à criança identificar-se o que ela lhe diz. (2002, p.58).

Eles esclarecem que se trata de uma identificação primária, que como tal opera como uma introjeção. Além disso o tradutor dessa obra, alerta para a forçagem que foi preciso fazer ao construir a frase concordando com um complemento direto e não um indireto, como se esperaria, a fim de conseguir transmitir a idéia de identificação transitivista que se dá na passagem direta entre a mãe e a criança.

Agindo assim o agente materno habita o Outro, mas também institui um Outro de seu filho. Este é um princípio fundamental que se institui nos primórdios do desenvolvimento, ou seja, na época pré-especular e que com isso fica demonstrado que o caráter de díade não se realiza, pois já está colocado em cena de saída, um terceiro.

Há uma segunda operação psíquica que inaugura a fase especular, desenvolvida por Lacan, momento primordial de estruturação do sujeito, de nascimento do eu. Está situada entre o oitavo e décimo oitavo mês de vida da

criança, momento de formação de uma imagem unificada do corpo, que constituirá sua matriz simbólica.

Vejamos como Bergès e Balbo interpretam essa experiência:

O corpo da criança está presente na fase do espelho, é essencialmente tomado nessa imagem globalizante que contrasta, do lado sensorial, com a vertente tônica e motora efetuada pela prematuração. Nesse sentido, essa fase não vai somente situar o corpo em sua alteridade frente ao do outro, mas também antecipar essa imaturidade natural. Essa especularidade da imagem do corpo é enquadrada pela jubilação da incontinência motora, ela própria substituída, apoiada, encontrando seu aval na e pela motricidade e postura da própria mãe: a criança a toma como testemunha, voltando-se para ela, que a suporta: esse retorno a constitui como terceira pessoa entre ela própria e sua imagem real no espelho. Por sua motricidade de acompanhamento a mãe vai, no real, antecipar a maturação motora de seu filho. (1997, p.14).

É nessa dupla antecipação que se dá a articulação com o registro simbólico: do lado da criança, é a antecipação da motricidade pela imago totalizada; do lado da mãe, trata-se da mesma antecipação motora de seu filho, através de seus próprios movimentos e postura.

O que a especifica, é, pois o que lhe falta. Essa desarmonia, engendrada pela falta, pela falha daquilo que vem fazer falta tanto do lado da criança como do lado da mãe, opõe-se, pois, necessariamente à harmonia de um Todo, de uma totalidade que faria Um no corpo. (1997, p.14).

Lacan não deixava de chamar a atenção para o caráter funcional e constituinte da fase do espelho:

Essa imagem é funcionalmente essencial no homem, na medida em que lhe dá o complemento ortopédico dessa insuficiência nativa, desse desconcerto, ou desacordo constitutivo, ligado a sua prematuração no nascimento. Sua unificação não será jamais

completa porque é feita precisamente por uma via alienante, sob a forma de uma imagem estranha, que constitui uma função psíquica original. (1955, p.113).

Sigo acompanhando Bergès e Balbo para melhor compreender do que se defende a mãe do psicótico ao não poder fazer a transmissão da experiência do espelho a seu filho.

No momento do estágio do espelho, quando a criança rejubila e antecipa, arriscamo-nos a ignorar tudo o que há de luto em se ver num espelho, ou seja, em se distinguir de tudo o que está em volta. De tudo o que o enxergava e o olhava por todos os lados, em particular a mãe, o filho deve fazer o luto: não é ele. É preciso que a mãe transitive que ela faça a hipótese, ao nomear o filho, de que ele demande a ela que renuncie a ser ele, para que ele possa renunciar a ser ela. (2003, p.77).

Se assim o fosse, a mãe estaria necessariamente remetida à falta, coisa que a mãe do psicótico evita. A ausência que há, de sua parte, de uma suposição de demanda em seu filho, o envia à psicose. Ela fica as voltas com o corpo de seu filho sem poder transitivá-lo. Ela cuida dele como um corpo que tem necessidades, é isto que ela sabe fazer e é sobre isto que não é preciso falar. Aliás, a demanda da mãe é de excluir seu filho do campo da linguagem, com isso ela pretende subverter a castração a que está preocupada.

Ao se submeter a essa exclusão, a criança mantém-se numa relação privada de linguagem com sua mãe, tornando permanente a relação incestuosa entre elas.

E o que isso tem a ver com a forclusão do Nome-do-Pai? Aí está algo que se institui desde o lugar da mãe, uma vez que é ela quem dá ou não voz ao pai. A palavra dele deve ter lugar primeiramente para ela, a fim de que ela legitime a transmissão desta ao filho. Lacan é categórico ao afirmar, no seminário *As*

*formações do inconsciente*, que é a partir do desejo sexual da mãe que a função paterna opera. O que significa que a falta está no cerne dessa operação.

A alteridade que se estabeleceria na fase do espelho, naquele momento antes mencionado de retorno da criança a sua imagem no espelho, depois de ver sua mãe como testemunha dessa experiência, essa terceira pessoa que parece ser vista ali, daria lugar a um quarto termo que é o discurso paterno e sua função.

Segundo Bergès e Balbo a criança não somente se defende desse quarto termo, como também se defende de contar até três, na sua relação com sua mãe.

A mãe não está, como se esperaria, no lugar do Outro primordial, ela encarna o Outro. Ao se estabelecer essa apropriação indevida, a criança fica sem a hipótese da mãe de atribuição de um Outro a ela. O que a fixa numa sideração, pois a origem do sentido provém, justamente da hipótese de que há um Outro. Na falta dessa hipótese, ou seja, dessa alteridade, é no eixo imaginário que nos encontramos.

(...) conceber dois sujeitos e dois grandes Outros torna necessário o recurso ao Simbólico. Resulta daí uma disparidade subjetiva, uma desarmonia, uma hiância. Para que haja disparidade de sujeitos, é preciso que haja disparidade de grandes Outros. O sujeito representado por um significante, escolhido pelo filho no grande Outro de sua mãe, para um outro significante, que ela distingue no grande Outro do filho, mostra precisamente essa necessidade. (2003,p. 18).

Os autores sustentam que essa noção de disparidade é central na constituição do sujeito, eles lembram um dito de Lacan, em *O ato psicanalítico*: “nenhum inconsciente pode se sustentar se em sua disparidade dois sujeitos não contribuem para isso”. Lacan afirma também que é o sujeito através de seu discurso, que é constitutivo do grande Outro, da demanda, do desejo e do recalçamento. Se

não há recalçamento, não há castração, assim o que temos é a forclusão. Logo a hipótese de Bergès e Balbo é a de que são dois grandes outros ou nada.

Sendo assim, não se espera encontrar um grande outro barrado, como na neurose, que nos remeteria ao significante da falta no Outro, onde o atravessamento representa também o não acesso direto a essa instância inconsciente. Pelo contrário, os autores afirmam que na psicose a barra recai sobre o desconhecimento. É como se não houvesse então o desconhecimento, o que coloca o sujeito a trabalhar na via de construir certezas, dito de outro modo, o psicótico está na convicção, que nada mais é que o pensamento delirante, fruto do saber absoluto do agente materno.

Evoco aqui uma passagem do caso clínico, do paciente em questão, o qual denomino aqui de Rafael<sup>1</sup>. Num determinado dia nos preparávamos para fazer uma filmagem, combinada, anteriormente. Ele, então, prepara um cartaz, onde escreve: “Cenas da inteligência”, isso serve para ele mostrar na abertura da filmagem, é uma introdução de sua fala que versa sobre a cidade de Porto Alegre.

Aí está uma pequena amostra da posição de mestria que Rafael passa a ocupar na transferência. Ele se prepara para a exibição, ou melhor, ele enaltece sua apresentação, se reconhecendo detentor de um saber absoluto, ou seja, sem dúvidas. Afirmo isso, considerando também a facilidade com que ele inventa dados, se autorizando, volta e meia a criar informações, a respeito de algum elemento que no momento é o objeto de sua curiosidade.

A seguir mostro um trabalho realizado, por ele, durante uma sessão, em agosto de 2003. Ele me dita os itens que compõem o trabalho, para em seguida preenchê-los com suas respostas.

---

<sup>1</sup> Nome fictício

A resposta inventada nesse caso é o bairro principal da cidade de Porto Alegre, ou seja, Belém Novo.

**Figura 1: A Cidade de Porto Alegre****3 A DERIVA NA LINGUAGEM**

Conforme Vorcaro, “A interpretação que cada um faz do outro mantém sempre uma grande margem de dúvida, num risco de produção de equívocos mais próxima de uma deriva imaginária sem contenção do que de uma interpretação metafórica propriamente dita”. (1999, p.139).



Essa não contenção é o alvo de meu trabalho, ou seja, esse aspecto da deriva que se apresenta na fala da criança com funcionamento psicótico, onde as palavras estão soltas no tecido simbólico. As palavras podem, mesmo, ter o estatuto de objeto em momentos de crise, quando o imaginário não dá consistência ao simbólico no trabalho de suportarem a demanda pulsional.

Nesse mesmo sentido Balbo e Bergès apontam que:

A particularidade da hipótese da mãe, concernindo o grande Outro e o saber da criança, vem comprometer a <sup>2</sup>*Bejahung*, o reconhecimento de sua parte. Isso coloca em risco o discurso na sua retroatividade e mesmo o seu senso, que se dilui ou desaparece pelos sucessivos entrecruzamentos da cadeia significante, cedendo assim às assonâncias fonéticas, a um deslizamento desprovido de pontuação. (2001, p. 129).

Os autores afirmam que esta ausência de pontuação, é a conseqüência de uma função de defesa da criança, que tenta se opor, por essa deriva, a uma adesão perturbadora ao enunciado materno.

A ausência de hipótese pela mãe (ou quem toma seu lugar) de uma demanda no filho é um dos modos de entrada da criança na psicose, o que é para ela constitutiva de um traumatismo que a obriga a instalar funções defensivas que chamamos psicóticas.

O fato de que ela exclua toda demanda do filho, confere a sua própria demanda a propriedade de ser extralinguagem e, como temos visto, de conter apenas uma mensagem de necessidade. O destinatário está em uma posição a partir da qual a mensagem não pode ser invertida, uma vez que essa função não lhe é atribuída ou antecipada. Essa demanda então retorna àquela de calar-se: eu lhe digo minha demanda e vou me embora. (.....) Em suma, a criança psicótica encontra-se capturada na instalação de um dispositivo defensivo, no centro do qual a exclusão da linguagem, que faz parte da demanda, é o motor principal. (2001, p.65).

---

<sup>2</sup> *Bejahung*: afirmação primordial, conceito desenvolvido por Freud (1925), em oposição à negação e que juntos compõem a base da categoria de juízo, na criança.

Lembro-me de um momento inicial no tratamento de Rafael, no qual ele chega me pedindo para brincarmos de falar. Evidenciando um estranhamento, que pode apontar para uma falta do diálogo em seu cotidiano, que contrasta com o estatuto da palavra no fazer clínico, talvez por isso ele apele à fala no contexto lúdico.

Vorcaro considera o que se passa na psicose, como sendo fruto do fato de que, uma criança nessas condições, seria um efeito purificado da linguagem.

A criança fica colada ao mandato em que ela é o que falta no Outro. Encarnando essa falta, ela preenche o intervalo entre significantes, na mesma função de qualquer significante: remete-se a outro significante. Na solidez em que a cadeia significante primitiva é apanhada, a abertura dialética está impedida, e o significante representa outro significante num deslizamento infinito. (1999, p.36).

Essa solidez que a autora evoca, refere-se ao lugar preponderante que o registro do real assume nas formas psicóticas, como já afirmei anteriormente, o simbólico aí claudica, na medida em que o Outro primordial, representado pela mãe, é sem falhas. Ela é quem sabe o que seu filho necessita, não há dúvida. Trata-se de uma posição fálica, completa.

Conforme Calligaris, há uma posição arcaica da mãe que ele grafa de “A Mãe” e diferencia nos casos de neurose e psicose:

Das figuras d’A Mãe no neurótico e no psicótico pode se fazer um catálogo, desde que tenhamos em mente que o que está em jogo não é o mesmo nos dois casos. Para o neurótico, trata-se de uma imagem de completude, verdadeira figura do gozo perseguido no fantasma, e por isso mesmo temido, podendo tornar-se matriz autônoma dos fantasmas “fusionais” de colagem no Outro, onde o neurótico, protegido pelo Nome-do-Pai, toca em todos os tons, do horror até o *nostos* (regresso). Para o psicótico, a Mãe é o Outro de que ele é efetivamente a presa. Dito de outra forma: para o primeiro,

A Mãe é aquilo em cuja direção impulsiona o imperativo superegóico do gozo; para o segundo, não há imperativo, mas uma dominação que é um estado de fato. (1986, p.95).

#### **4 O ANALISTA DE CRIANÇAS E SUAS FERRAMENTAS**

Trabalho na infância com alguns eixos norteadores do fazer clínico. São eles: a noção de sujeito desejante, o brincar, as identificações, a transferência e os sintomas.

Parto de um princípio, no qual haverá sujeito habitando o corpo infantil, na medida em que há uma suposição do outro parental nesse sentido, que se manifesta através da antecipação funcional. Ou seja, um desejo próprio se constitui, a partir do olhar do outro que vê, por exemplo, no sorriso reflexo de um bebê de 1º sub estágio,

conforme a epistemologia genética de Jean Piaget, uma resposta de amor. É ao se tomar como endereço desse sorriso que o agente materno transforma o reflexo em volição, o choro em chamado, as fezes em presente...

Sobre o brincar se afirma ser esse o trabalho na infância. Muitas vezes, é preciso explicar aos pais das crianças em atendimento clínico que o fato de estarmos brincando não quer dizer que a coisa não é séria, ou que ao invés de trazer o filho para um tratamento, eles poderiam brincar em casa, pois daria no mesmo, já que se trata de apenas brincar.

Segundo Norma Bruner, brincando a criança produz a possibilidade mesma de que o desejo tenha lugar, por ser a formação por excelência da infância. A autora é categórica ao afirmar que a atividade lúdica da criança é uma formação do inconsciente e formadora do inconsciente. Na medida em que inscreve e sustenta o inconsciente como tal. Sendo assim, "O brincar inscreve a lei e funda o desejo, implica satisfação substitutiva, ganância de prazer, transformação da pulsão em libido, transformação do gozo em desejo." (2001, p.3).

Quando a criança brinca põe em jogo a função paterna, uma vez que a proibição já está ali, já que se pode, figurativamente, no brincar o que não se pode fora dele. Essa fronteira do "fora e dentro" do brincar instaura a lei e a castração.

É fato que se uma criança está funcionando, psiquicamente, numa psicose não decidida, ela não brinca. No máximo ela manuseia os brinquedos mecanicamente e faz movimentos repetitivos com os mesmos, que sob hipótese alguma é brincar. Ela não produz uma significação, um sentido que vem acompanhar o manuseio dos objetos lúdicos, a coisa é o que é. Se a escolha do material na sessão de uma criança hipotética psicótica, por exemplo, é um leão, ela se mostrará incansável ao repetir determinado trajeto que o leão faz, até ocupar sua

jaula no jardim zoológico, sem nada dizer nem propor, a não ser repetir inúmeras vezes o rugido do animal, incorporando com isso essa imagem poderosa. Ela é o leão, sem desconsiderar os seus atributos representativos de poder, pois isso ela registra, é o sentido unívoco do signo leão.

Para desenvolver uma via de trabalho com a hipotética criança, partiríamos do significante “leão” trazido por ela, embora esse ainda não esteja inscrito como significante e é para isso que vamos trabalhar. Pois o que se mostra aqui na atividade lúdica dessa criança é um signo, que como tal remete a um único significado, não conta com a polissemia do significante, há uma colagem do nome ao referente.

Ao partir daí, tenho que ir introduzindo outros recursos que me permitam representar esse leão de diversas formas. Seria o caso, por exemplo, de oferecer material gráfico e argila para modelar, tentando assim fazer com que a criança crie essas novas imagens, objetivando com isso obter um alargamento da rede simbólica que a sustenta. Quando ela ainda não consegue fazê-lo, eu desenho ou modelo, ofereço as imagens, mas sempre com o intuito de devolver a ela o lugar de criação (enunciação) na sessão.

Recorro a Balbo para refletir sobre o lugar que pode ocupar o desenho, essa importante ferramenta, no trabalho analítico com as crianças.

O recurso ao desenho, como modo de restabelecer a comunicação, permite superar o mal-estar. Não como um artifício que vem desviar angústias mais fortes. Mas, muito mais pelo fato de que o desenho faz marca e que é esta marca que faz esboço de diálogo.

Não é tudo. Tão logo a criança desenha, ela corre novamente o risco de ser tragada pelo outro, porque ela desenha sob nosso olhar, e o olhar, como dissemos, remete inicialmente a este outro indestrutível, do qual a criança está mal separada.

É por isso que o analista, antes de se perguntar se “compreende” a produção gráfica da criança, deve estar atento ao fato de que ela se

insere num diálogo e vai no sentido através do qual o desenho faz ato, ato de separação. (1996, p.24).

As ofertas de recursos lúdicos que se faz no trabalho clínico, funcionam como disparadores desse diálogo.

Segundo Molina (2003), é através dos efeitos da combinação dos materiais ou ingredientes (no caso das experiências que a própria criança se propõe a pesquisar), que se convertem em meios geradores de um ambiente propício para que o corpo saia da paralisação expressiva. Desta forma torna-se simbolicamente produtivo, recobrando ou inaugurando o referencial simbólico outrora perdido, quando o laço parental tornou-se insuficiente para sustentar a expressão do sujeito nascente da criança.

Isso me permite introduzir a noção de transferência tão cara aos psicanalistas, uma vez que nada se dá num trabalho como esse que não passe pela confiança que o paciente deve, necessariamente, depositar no analista. É preciso que haja uma suposição de saber, constituindo-se como uma condição para que a fala seja endereçada na transferência. Considerando o trabalho na infância, é preciso contar, primeiramente, com a suposição de saber dos pais sobre o analista, para que num segundo momento, quando nos é trazida, a criança possa se autorizar a ir se mostrando.

A partir desse laço transferencial pode haver a restituição de um lugar de sujeito, onde a interpelação constante, própria da intervenção psicanalítica, proporcionará um reconhecimento à criança. Essa aposta a conduzirá a se apropriar de um saber capaz de reinseri-la, em alguma medida, num contexto social. Sendo assim, poderá vir a constituir uma autonomia, passando a falar em nome próprio,

respondendo as demandas que lhe chegarão desde o campo social, representado na infância, principalmente pela escola.

Quanto ao trabalho específico com os pais, desenvolvo à parte, preservando com isso o espaço da criança e criando assim um lugar para que eles, contando com a ajuda da analista, possam expor suas angústias, incertezas, questões e fantasias com relação ao filho.

Maud Mannoni salienta o papel do discurso familiar que envolve a psicose da criança:

O problema da alienação na criança se apresenta de modos um tanto quanto diferentes e não pode ser compreendido se não abarcarmos o modo como sua 'loucura' foi retomada na vida fantasmática de cada um dos pais. Para que a criança reencontre uma fala pessoal que lhe seja própria, é-lhe necessário primeiro poder destacar sua verdade dos votos de morte e das múltiplas formas de alienação nas quais ela se perdeu numa fixação com um outro. (1984, p.24).

O que tenho constatado na prática clínica cotidiana é que é preciso contar com os efeitos positivos do tratamento na criança, para tornar a transferência dos pais mais consistente e, conseqüentemente, o trabalho com eles menos persecutório e mais efetivo. Sim, porque na medida em que o trabalho avança e os pais passam a se expor e se ouvir, mutuamente, uma angústia crescente se apodera deles, uma vez em que passam a se responsabilizar pelo o que acomete o filho. São momentos preciosos e ao mesmo tempo muito difíceis de conduzir, mas que não se tem como evitar, pelo contrário, é no acolhimento dessa ebulição que ali passa a ter lugar, que depende o sucesso da transferência e, conseqüentemente, do trabalho com a criança.

É ocupando esse lugar privilegiado junto aos pais que se pode contextualizar os sintomas que se apresentam. Para isso se conta com alguns fundamentos teóricos que importa situar, brevemente.

Segundo Jerusalinsky, se pode vislumbrar o caráter estrutural do sintoma na infância, a partir do desenhar. Trata-se de uma forma estrutural de resolução da distância que há entre a criança e seu objeto ideal. Por exemplo, ela rabisca alguns traços e já os significa, “é um au-au”, demonstrando sua audácia simbólica na capacidade representacional daqueles poucos traços. Mas é mister que saibamos que ela difere seu desenho da figura do animal em questão.

Jerusalinsky descreve as três variações possíveis em que se encontra a criança em atividade, conforme em que direção ela está se estruturando.

(...) a criança simboliza (o ser é de brincadeira, ou seja o brincar é a realidade), a criança fica capturada no imaginário (o ser é a brincadeira, ou seja, a realidade é o brincar), a criança fica no real (o ser é sem brincadeira, ou seja, não há brincar nem realidade). Três posições do sintoma de estrutura (que aqui chamamos, junto com J. Lacan, de *sinthome*), que anunciam respectivamente a neurose, a psicose, e o autismo ou a insuficiência. (1997, p. 8)

O autor prossegue discorrendo sobre o outro tipo de sintoma que encontramos na infância, a saber, os chamados sintomas clínicos.

Mas a criança não resume nisso suas tentativas de resolver seu fantasma (ou melhor, aquele que seus pais lhe impõem). Ainda, ela repete e regride tanto quanto qualquer neurótico poderia fazê-lo. Ritualiza, articula fobias, enreda sua “vida amorosa” (é claro que o faz nos enlevos do seu Édipo), inibe-se e enraivece ou angustia-se sem motivo aparente, rebela-se, é assaltada por atos, lapsos e idéias que repulsa ou estranha. Tratam-se dos sintomas clínicos (aqueles que com Lacan, chamamos de *symptôme*). Não que entendamos nisto que aqueles outros não tenham estatuto clínico, senão pelo fato de reconhecermos entre uns e outros a diferença essencial de constituírem os primeiros uma posição necessária para o sujeito em



questão, enquanto que os segundos manifestam a contingência de uma resolução que, embora sua possibilidade de cronificar-se, não deixamos de ver nela seu caráter provisório. (1997, p. 8).

São respostas que a criança articula frente à demanda de seus pais de que ela dê mostras hoje do que será no futuro. Fazer a escolha da posição sexuada, logo se situar homem ou mulher, exige da criança a produção de um sintoma próprio. Seguindo Jerusalinsky “(...) é por essa via que ela acede à condição de sujeito. Eis então o motivo pelo qual a posição do sintoma precisa ser cuidadosamente considerada, e, de modo algum, objeto de uma operação corretivo-pedagógica”. (1997, p.12).

Acontece que para que a criança chegue a constituir uma problemática própria, ela passará por um processo identificatório, que a situará como sujeito desejante. A fim de aprofundar o estudo dessa dinâmica das identificações, passo agora a reservar um espaço específico para isso.

#### **4.1 Sobre as identificações**

As constantes mutações, sejam nos jogos de identificações/ desidentificações, sejam nas diferentes formas de nos apresentarmos ou narrarmos, dependem das situações e/ou posições que nos colocamos em determinados momentos. Isso faz com que o conceito de identidade perca, em grande medida, seu aspecto apriorístico e objetivo, apresentando-se como o resultado contingente de um

processo vivo e dinâmico, numa dialética que acompanha o sujeito desde a sua constituição enquanto tal.

Processo esse, da constituição do sujeito, que está marcado desde o início, antes mesmo de sua existência biológica, pela presença do Outro (A). O outro (a), no sentido especular (semelhante) ou o Outro enquanto depósito dos significantes (cultura, sociedade, valores sociais, etc.), é a fonte do material significante suscetível de representação e identificação. Esse outro e sua linguagem, ao negar o natural, lança o filhote humano numa dimensão simbólica, sem a qual não haveria, propriamente, o humano.

Essa instância que constitui o Outro, não está aí, a disposição dos sujeitos, sem maiores implicações. Nessa apropriação, do sujeito pelo Outro (e do Outro pelo sujeito), existe uma série de articulações entre a demanda e o desejo nos quais a criança é confrontada, desde o início, à falta no Outro, responsável por essas articulações. Assim a criança vem cumprir uma função, que é a de responder à falta do Outro, corporificado nesse primeiro momento pela mãe. A percepção de uma falta materna corresponde ao objeto perdido (objeto "a") representado pela criança, ela que, por sua vez, vem preencher essa falta (objeto "a" materno). Então, o Outro, quando se apresenta faltante opera uma ordenação pulsional fálica. Melhor dizendo, é a percepção dessa falta que está inserida numa cadeia simbólica, que vincula o sujeito à lei e à lógica, fálica, do desejo.

Essa falta é interpretada pela criança como uma demanda, a partir da qual ela se posiciona e, conforme o seu desejo de ser o objeto do desejo do Outro, faz as suas ofertas. Sintetizando, são três as posições possíveis (Jerusalinsky, 2001) que a criança ocupará em relação à falta, ao falo:

a) ocupando exatamente o lugar da falta, ou seja, ocupando o lugar do objeto. Conforme mencionei anteriormente, a impossibilidade de fazer uma separação ou um luto, por parte da mãe, deixa a criança nesse lugar de objeto. O desejo da mãe, não estando além desse objeto, não deixa espaço para que a criança “escape” desse lugar. Fixa-a na posição do falo imaginário, na posição psicótica.

b) se a criança não está, de nenhuma forma, concernida ao lugar da falta ela não tem o que responder, posição que corresponde ao autismo.

c) porém se é em torno do desejo materno, numa identificação simbólica a esse desejo, nem totalmente fora nem totalmente coincidente, que a criança deve se situar, é sinal que aí se instalou uma ordem na qual o Nome-do-Pai, cumpre sua função.

Sujeito e Outro não se confundem, embora compartilhem uma zona que não é interna nem externa, como bem situa Melman “... afinal de contas, não detalhei mais, [a posição do Outro] é simplesmente a posição do sujeito, já que a fronteira dentro/fora passa pelo interior do falante: é a sua divisão.” (1983, p. 35).

Lacan, em seu texto *A Família* (1978) e no seminário *A Identificação* (1961), toma a identificação especular não só como primária, mas como a matriz de toda futura identificação. A criança, desde o real de seu corpo pulsional fragmentado, antecipa, na imagem especular, uma unidade, uma *Gestalt* que lhe será constituinte mais que constituída. Porém a antecipação especular, apesar de seu caráter eminentemente alienante, na melhor das hipóteses, não capta totalmente o sujeito no registro imaginário. Somente por interferência de outro registro que o antecede, que possibilitou, mesmo, que houvesse identificação especular, que o sujeito pode descolar-se da própria imagem virtual. O registro que faz esse descolamento, que quebra essa polarização, entre o real do corpo e da imagem totalizante, que coloca

o sujeito dentro de uma ordem, é o simbólico. Simbólico que pode representar, na linguagem, um e outro registro (real e imaginário) e a tensão aí existente, e que vai dar suporte ao eu, "... o eu não pode designar um e outro [real e imagem] a não ser na medida que toma seu suporte na função metafórica, que é aquela da linguagem". (Thibierge, 1999, p. 2).

A identificação à imagem produz uma transformação justamente pela assunção do ideal, i(a). Esse investimento narcísico organiza e normaliza a libido, em certa medida, como uma matriz das futuras identificações, "Ela polariza de uma forma constringente de representação e ela constitui, essa identificação, da imagem, a base de todas as identificações secundárias" (Thibierge, 1999, p. 1).

Conforme Taillandier uma das contribuições originais de Lacan sobre a identificação é a sistematização, na obra de Freud, das identificações divididas basicamente em três tipos, a saber: a narcísica, a identificação ao traço e a identificação histórica, acrescentando-lhes algumas transformações. (1994, p.17).

A primeira identificação, por "incorporação", ou identificação narcísica, ou ainda identificação primária, consistiria naquelas primeiras identificações ao pai, ou aos pais, já que para a criança ambos assumem, pai e mãe alternadamente, as funções materna e paterna. A percepção da onipotência paterna e materna é diretamente proporcional à dependência que a criança se encontra submetida nesse primeiro estágio da vida.

A segunda identificação, ao traço, corresponde à tomada de um traço, de um traço único, parcial, tomado do outro, que tem por função substituir, regressivamente, o outro enquanto objeto perdido. É como se, por introjeção, o objeto fosse substituído por um traço e oferecido ao eu para sua satisfação. O que

Freud (1969) chama de traço único (*einzigster Zug*) Lacan traduz como unário, numa referência à ordem significante.

A terceira identificação, histórica, ou imaginária, é a identificação ao desejo do outro, na medida em que o desejo desse outro também seja insatisfeito "o que revela um dos traços secretos da identificação: identificar-se com o significante da falta do outro não para preencher esse outro, mas, pelo contrário, para trazer de volta a marca de sua insatisfação e, conseqüentemente, de sua castração inevitável, marca do desejo inconsciente". (Taillandier, 1994, p. 19).

O clássico exemplo dessa terceira identificação, escrito por Freud (1969), é o da jovem pensionista que recebe uma carta desagradável de um amor secreto que lhe provoca um ataque histérico. As amigas mais chegadas, ao perceberem do que se tratava, reagem analogamente. Identificadas à falta e ao desejo da colega "infeccionam-se", da mesma forma, tendo outros ataques histéricos, pois essas, como aquela, também gostariam de ter um amor secreto.

A identificação ao traço, enquanto significante, é o modelo de toda identificação. Trata-se de uma operação de castração, efeito da metáfora paterna e que vai permitir que o desejo se configure com alguma organização. Assim o sujeito, mesmo que para sempre afastado de seu objeto, elege e contorna aqueles objetos do desejo, representando-se nesses objetos.

Passarei agora a discorrer sobre a metodologia que utilizei, a saber, a de construção do caso. Logo após, desenvolverei o capítulo que apresenta a discussão do caso, onde articularei os fundamentos teóricos até aqui expostos com o material clínico.

## **5 CONSTRUÇÃO DO CASO**

Minha intenção, ao situar-me numa pesquisa que utiliza o método clínico psicanalítico para aceder a um lugar de elaboração e avaliação de resultados, é justamente aquela, tão cara à psicanálise, de poder trabalhar sem fazer dicotomia entre teoria e prática. É na clínica onde se faz um exercício permanente entre esses dois pólos e onde os pressupostos teóricos podem ser postos à prova.

Tomo como pano de fundo do trabalho o modelo criado por Freud, no qual é postulado que toda a relação do sujeito com o mundo é mediada pela realidade

psíquica. Logo, por mais que desejemos ser objetivos e guardarmos uma distância ideal do nosso objeto de estudo, estaremos sempre submetidos a nosso inconsciente, operador fundamental da técnica. Nossa subjetividade estará colocada e é graças a ela mesma que teremos a possibilidade de efetivar o nosso trabalho, tanto psicanalítico quanto o de pesquisa. Uma vez que é na relação com o outro que nos constituímos psiquicamente e estamos fadados a depender, de alguma forma da lente desse olhar do outro, para sabermos de nós mesmos. Um princípio que é a chave do conceito de transferência e que está no cerne do lugar de psicanalista e de pesquisador.

Freud, em Estudos sobre a Histeria (1895/1968), inicialmente, referiu-se a transferência como uma “falsa ligação” entre o paciente e o médico. Já na 27ª Conferência Introdutórias à Psicanálise, ele define tal conceito do seguinte modo:

(...) um fato novo que, muito a contra gosto admitimos. Cremos que se trata de uma transferência de sentimentos sobre a pessoa do médico, pois, não nos parece que a situação de cura garanta o nascimento destes últimos. Pois conjeturamos que toda esta inclinação de afeto venha de outra parte, estava já preparada no enfermo e com a oportunidade do tratamento analítico se transferiu sobre a pessoa do médico. (1917/1968, p. 443).

Demonstrando assim que é este processo que viabiliza a análise.

Jacques Lacan (1956/1998), se debruça sobre a obra de Freud e, especificamente sobre este conceito, realiza uma releitura na direção de propor que o analisante faz uma suposição de saber ao analista, o que configura a alienação subjetiva a qual o sujeito está submetido pela sua ex-sistência.

Para Fédida (1991), “Na psicanálise o caso é uma teoria em gérmen, uma capacidade de transformação metapsicológica. Portanto ele é inerente a uma atividade de construção”. O autor credita um valor intrínseco a esse tipo de recurso metodológico, na medida em que para trabalhar com as formações do inconsciente, a partir da transferência, se está sempre diante do novo, na singularidade de cada sujeito.

Seguindo a discussão que Fédida propõe sobre a estrutura do caso, onde o outro situa-se como interlocutor. Assim, as figuras do outro, implicadas em tal relação (analista/analísante, analista/supervisor, analista/comunidade de analistas) não seguem uma via linear e os tempos “genéticos” da morfologia do caso não obedecem a uma progressividade do passado ao futuro.

Discutindo sobre a morfologia do caso na psicanálise, Fédida diz que a apresentação de um caso na psicanálise, implica menos o problema de uma *forma simples*, podendo mesmo evoluir para uma *forma complexa*, o que realmente importa é a relação estabelecida entre a narrativa do caso com o sonho e o chiste, ou seja, com o inconsciente. O primeiro é por essência a-social e completamente egoísta, enquanto o segundo produz um nó que desmanchado cria uma nova forma, suspende o recalque e dá lugar ao riso. O autor faz essa discussão contrapondo com certas análises psiquiátricas ou psicológicas ditas científicas, as quais armam uma homogeneização do caso clínico, baseadas fundamentalmente no sintoma e não na escuta que pressupõe uma estrutura. Ele exemplifica tal redução em tentativas que são feitas, com procedimentos comparativos, para provar que uma psicoterapia psicanalítica de pacientes deprimidos tem uma eficácia comparável a um tratamento farmacoterápico. Nas palavras do autor, “A noção do caso se encontra mesmo inteiramente falsa por tal procedimento que eu denominaria aqui de



um caso reduzido a uma caracterização semiológica sumária e simplificada que o caso não dispõe mais agora de seu recurso morfológico próprio". (1999, p. 44 ).

Isto nos coloca diante do que há de mais paradoxal no sujeito, é que ao mesmo tempo que é engendrado pelo outro, está também atravessado por uma fantasmática única e singular. Sugerindo, também, que convivem lado a lado tanto os significantes que marcam o sujeito e se fixam no enredo de seu fantasma, retornando, por exemplo no sonho, e os deslocamentos que produzem novas significações, alusivas ao chiste e ao trabalho inerente à apresentação do caso.

Luís Cláudio de Figueiredo (2002) em *A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica*, volta sobre a importante discussão de que a atividade de pesquisa pressupõe uma certa distância entre o sujeito e o objeto da pesquisa, mas que não deixa de comportar também um empenho em reduzir esta distância. Para o autor,

É com a instituição das funções paterna e fraterna que se protege tanto uma relativa separação entre sujeito e objeto do conhecimento, como uma relativa separação entre os sujeitos da atividade de pesquisa. A experiência com 'objetos reais' que escapam e resistem ao vínculo narcisista e totalitário só pode ser feita no processo de ultrapassagem das relações binárias para a triangulação edipiana em que os objetos relativamente autônomos podem e devem ser compartilhados. (p.133/134).

## 6 O CASO CLÍNICO

É chegado o momento de apresentar a construção do caso, agora poderei demonstrar a leitura e a abordagem terapêutica que fui armando ao longo desses sete anos.

Rafael chegou na clínica encaminhado pelo neuropediatra, o qual diagnosticou Síndrome de Asperger e medicou com um anticonvulsivante, em função de ter encontrado um EEG com algumas alterações (descargas).

Ao conversar com os pais me inteirei de parte da trajetória que vinham fazendo na busca de um atendimento adequado para o filho.

Quando Rafael tinha 2,9 anos foi levado a tratamento psicológico, encaminhado pela escola infantil que ele freqüentava. Lembro-me que o motivo alegado era a falta de reação do menino, quando era provocado por seus colegas. Ele era capaz de apanhar sem se defender, dizia o pai, visivelmente incomodado com a passividade do filho.

A psicóloga que o tomou em atendimento, segundo a mãe, trabalhou com ele questões referentes a sua imagem corporal, ela costumava andar atrás dele pelo consultório com um espelho na mão a fim de que ele aprendesse a se reconhecer, pois diante da pergunta dela de quem ele via no espelho, ele ora respondia que era a mãe e ora o pai. Ela, então, explicava a mãe que ele não tinha a sua própria imagem constituída e era mister que a constituísse, assim seguia seu trabalho.

Ao final de um ano e meio de tratamento, sem que ela tenha se reunido uma só vez, com a equipe pedagógica da escolinha que ele freqüentava, a terapeuta dá alta do atendimento individual e encaminha Rafael para ambientoterapia numa comunidade terapêutica. Na época ele tinha 4,4 anos.

Três meses depois eles chegam no centro clínico, no qual integro a equipe de trabalho, já que depois de visitarem a referida comunidade terapêutica, se deram conta que aquele não era o lugar apropriado para o filho, principalmente, porque ele ali estaria em companhia apenas de crianças sem linguagem e bem mais empobrecidas, psiquicamente, que ele. Além disso, a indicação da instituição era a de que ele não fosse matriculado numa escola e sim freqüentasse um grupo de ambientoterapia, diariamente.

A queixa principal era a de que ele andava com medo de fazer determinadas coisas que anteriormente não configuravam problema. Por exemplo, ir até a casa dos avós maternos, em função do ruído de um relógio cuco que havia na sala de

estar, que o perturbava. Além disso, estava se negando a andar de ônibus, também porque o barulho do mesmo lhe assustava.

Os pais estranhavam a conduta de Rafael em casa, já que se deixassem ele era capaz de passar horas a fio postado na janela do apartamento da família, observando o entrar e sair dos carros de uma garagem em frente. Ele não brincava.

Até que conheci o menino e logo notamos um fio de saliva que escorria do canto de sua boca, denotando uma hipotonia labial. Sua fala era entrecortada de disfonias, ou seja, troca e omissões de vocábulos, o que caracterizava uma fala infantilizada e causava algumas dificuldades de compreensão. Ele se ocupou já de saída de uma garagem de brinquedo e de alguns carrinhos, os quais ele fazia descer e subir as rampas do brinquedo. Verbalizou que não havia perigo, porque era que nem o ônibus. Falava como se estivesse tranquilizando os passageiros dos veículos, bonequinhos que eu havia introduzido na brincadeira, assim como seus pais devem fazer com ele, cada vez que ele expressa medo em subir num transporte coletivo.

Para minha grande surpresa, em determinado momento ele interroga: **“Quem sou eu?”** Ao que eu respondo que essa é uma dúvida que ele tem e que estamos ali para ajudá-lo a respondê-la com o passar do tempo, na medida em que fôssemos nos conhecendo melhor.

Dei início ao atendimento também com os pais, os quais recebi nesse primeiro tempo do trabalho, conjuntamente com uma colega psicopedagoga e psicomotricista. Indicamos atendimento psicanalítico com duas sessões semanais e atendimento na área instrumental com a colega uma vez por semana.

Rafael já tinha freqüentado duas escolas diferentes, uma vez que seu pai sendo professor de matemática, o colocava na pré-escola do estabelecimento de

ensino onde ele estava locado. Ao final de um ano de trabalho o pai se desligou dessa escola, levando o filho consigo para um novo lugar. No momento em que chegaram na clínica, março de 1999, Rafael era aluno de sua mãe, pois ela era professora de um jardim de infância, assim achou por bem matriculá-lo como aluno seu, logo ela não teria dúvida quanto ao bem estar do filho.

Foi muito importante naquele momento contar com a intervenção da colega para trabalharmos juntas essa situação. Pois se produziu uma identificação dos pais com ela, na medida em que eram todos preocupados pelo trabalho com as questões escolares, eles como professores e ela como psicopedagoga. Mesmo assim a mudança foi lenta. Foi somente em meados do segundo semestre (outubro) que ela aceitou passá-lo para o jardim de infância conduzido por uma colega sua, que se localizava na sala de aula ao lado da sua. Coisa que facilitava o controle que ela tentava continuar exercendo sobre o filho.

“VOU DORMIR COM A MAMÃE!”

Com essa frase Rafael nomeia o desenho que ilustra a capa de uma pasta, em que guarda os trabalhos e avaliações da época em que cursava o jardim A e era aluno de sua mãe.

Constata-se assim, a realização de uma díade, uma montagem incestuosa, onde o filho é o falo imaginário da mãe.

Como intervir nisso? Como fazer para que essa mulher abra seu abraço engolfante e deixe deslizar para fora de seu corpo, o filho amado?

Fomos tomando conhecimento da história de Rafael.

Durante a gestação já houve problema, pois a mãe estava com cinco meses de gravidez, quando presenciou um assalto à mão armada, na escola de periferia que ela, na época, trabalhava. Ela contraiu uma infecção urinária, posteriormente, e

de tão assustada não conseguiu voltar mais ao trabalho, até seu filho nascer e já contar com sete meses de idade. Aliás, Rafael não saía de casa a não ser para ir ao médico, até completar dois anos de vida. Os pais procuravam evitar ao máximo o contato do filho com o calor ou o frio excessivos que viesse acarretar em algum prejuízo para sua saúde. O que logo nos fez supor que para esse casal o bem estar do filho estava ligado, exclusivamente, a sua integridade física.

Essa criança sofreu as conseqüências, desde muito cedo, do medo de seus pais em perdê-la. O fato deles a surperprotegerem dos perigos do mundo externo, chega ao ponto dela não ser levada a sair na rua, a não ser para ir ao consultório de seu pediatra. Isso me faz pensar que o agente materno esteve impossibilitado de fazer a hipótese de uma demanda no filho. Não há uma atribuição de saber a essa criança, quem sabe sobre ela são eles, os pais e o médico pediatra. Sendo assim, o que representa a criança para os pais, é, principalmente, um corpo eminentemente, frágil, que corre riscos vitais e que deve ser isolada e vigiada.

Eles não o deixavam na companhia de tios nem avós.

Foi amamentado até 2,6 anos, segundo a mãe pela simples razão dela ter leite em abundância! Essa é uma imagem que reforça a idéia de que esse filho é um prolongamento do corpo materno. Ela o alimenta, durante tanto tempo com o seu leite, supondo a sua suficiência. Dito de outro modo, se ele a tem, não necessita de algo ou alguém, a mais.

O pai queixava-se de não ter mais vida social, lembrava-se de que durante uma tentativa que fizeram de sair a sós para um jantar, deixando o filho com a avó materna, sua esposa ligou cinco vezes para a mãe, querendo notícias de Rafael. Outro episódio que ele contou foi de um baile que eles foram, o que não faziam há

muito tempo e levaram o filho, só que acabaram tendo que dançar com Rafael no meio deles.

Rafael dormia na cama dos pais, diariamente, até conciliar o sono. Se ele não está muito bem de saúde, permanece aí, mais especificamente, no meio deles. Quando questionei essa conduta, a mãe se justificou dizendo que Rafael sua muitíssimo e fica encharcado durante a noite, o que lhe exige cuidados constantes, do contrário ele adoece.

Os pais começaram a conversar com o filho sobre a possibilidade dele ser transferido para o jardim de infância da outra professora, deixando finalmente de ser aluno de sua mãe. Ele respondeu dizendo que só iria depois de crescer, apesar de demonstrar interesse por essa outra turma da escola, uma vez que tinha sido visto observando o grupo trabalhando.

Naquele ínterim levaram-no a uma consulta de rotina com o neuropediatra, o qual chamou a atenção para o quanto Rafael havia crescido. A mãe aproveitou a situação e na saída da consulta se dirigiu ao filho, confirmando que estava mesmo na hora dele mudar de professora. No outro dia ele já foi inserido na turma da nova professora. Teve dias que tentou reconsiderar alegando que tinha um corpo grande, mas que voltaria a ficar pequeno novamente.

A nova professora observou que logo em seguida Rafael passou a escrever o nome de seus colegas de aula, em geral a grafia era correta, até porque ela notava que ele escrevia e depois ia se certificar no mural, onde constava o nome de todos que compunham o grupo. Anteriormente ele sabia escrever apenas o seu pré-nome e a partir da mudança passou a escrever seu nome completo. Na atividade da rodinha, onde as crianças costumam narrar programações que fizeram durante o final de semana, por exemplo, ele não se expressava e passou a fazê-lo, embora

as vezes ele tomasse para si a fala de algum colega, dizendo ter feito coisas que na realidade não havia feito, ter visitado o Jardim Zoológico, por exemplo, passeio que o colega havia acabado de contar que tinha feito.

No primeiro dia de aula com a professora nova, ao ouvir o ruído de uma forte campainha, anunciando o recreio, ele se assustou e saiu correndo ao encontro da mãe. Ela o tranqüilizou e conseguiu reenviá-lo ao grupo.

A mãe trabalhava, na época, duas noites por semana, quando ela chegava em casa, Rafael pedia uma surpresa. Em determinado dia ela o presenteou com um coração de papel, dizendo que havia feito na escola para ele. Gostou tanto que o colocou de baixo de seu travesseiro e quando seu pai chegou em casa, ele se apressou em mostrar-lhe o presente e pediu para ela fazer outro para seu pai.

Parece que com essa atitude o menino esforça-se para incluir seu pai junto à mãe, que o empurra para fora de cena, pelo menos da cena de desejo.

Segundo o pai, Rafael “não se comunica muito com os outros, mas observa muito e se liga nos detalhes”.

Ouve um episódio marcante após os primeiros três meses de tratamento. Rafael havia se ausentado por uns dez dias, em função de problemas de saúde (febre, congestionamento nasal e mal estar) e ao final da primeira sessão depois de seu retorno, tivemos muita dificuldade para encerrar. Quando anunciei a proximidade do final da sessão, ele se pôs em baixo da mesa protestando, ficou descontrolado, chorando e gritando intensamente: “Todos me dizem sim!”

A fim de evitar um embate corporal para retirá-lo do consultório, já que por meio da palavra ele havia deixado claro que seria impossível, pois o “não” ali era inconcebível, fui em busca de ajuda junto ao pai dele, que o aguardava na sala de espera. Ao entrar na sala questionando o que estava acontecendo, Rafael chorando



Ihe respondeu que estava ficando rouco. Seu pai então, em tom categórico ordenou: "Levanta-te já daí porque vamos para o Cruz Azul tomar uma injeção para tua rouquidão"! Para meu espanto Rafael atendeu imediatamente o pai, calando-se, saindo de baixo da mesa e o acompanhando.

Podemos interpretar esse episódio, tendo como pano de fundo a preponderância do registro do real na vida de Rafael. O que acontece ali é que ele tenta burlar um limite, que está dado pelo próprio *setting* do trabalho que chega um momento que termina, apelando ao real de seu corpo, o qual ele argumenta que está se prejudicando, afinal ele está ficando rouco, logo doente. Esse limite que eu lhe imponho, o faz adoecer. O pai ao responder: "Levanta já daí e vamos para o Cruz Azul", segue na preponderância do registro do real. Ele não consegue considerar a possibilidade do filho possuir uma subjetividade, se o considerasse tomaria a atitude de Rafael num contexto simbólico, poderia assim pensar em dizer algo como que compreende que ele estava com saudades de vir ali, já que passou um tempo ausente, e que quem sabe por isso ele teria gostado de ficar mais, mas que ele poderá, em poucos dias, voltar...

Outra cena terapêutica que importa mencionar ocorreu durante esse primeiro ano de trabalho, também após um período de ausência no tratamento, pelo mesmo motivo, ou seja, sintomas de uma gripe. Rafael desenhou uma escada e disse: "tem que ter cuidado para subir, porque tem perigo!" Além disso, aparece no desenho uma cama, ele deitado sobre esta, uma TV, que exhibe um filme que ele denomina: "Do porco". Diante de minha insistente pergunta de como se chamava este porco, ele responde: "Filho"!

Posso tomar essa fala como ilustrativa da identificação imaginária que ele "faz", colando-se a esse lugar de filho que lhe está destinado, no discurso de seus

pais. Ao invés de um nome lhe transmitem um lugar de objeto. Ao invés de subir os degraus de uma escada que representa perigo, uma ascensão que não se sabe aonde o levará, Rafael figura na cama na frente da TV, tomado pela imagem do filho.

Ao evitarem o contato do filho com o mundo lá fora, seus pais pensam que o protegem da morte e assim o mantêm vivo. Mas afinal de que vida se trata aqui?

Certa vez chegou alegremente, trazendo um saquinho com botões e bolinhas, me convidando pra jogar futebol de botão. No meio do jogo, comenta que sabe tudo sobre futebol. Eu havia começado esse assunto, falando sobre a importância de se aprender as regras do futebol para jogar com os amigos. Apontando assim, para um regramento que já está dado e que isso não se inventa se se quer partilhar o jogo. Pois sua tendência é de ditar suas próprias regras, legitimado a partir desse lugar de objeto do gozo dos pais. É nesse contexto que se dá o seguinte diálogo:

A.: Não Rafael, tu não sabes tudo, ninguém sabe tudo.

R.: Meu pai sabe.

A.: Não, teu pai não sabe tudo, na vida sempre temos novas coisas para aprender.

R.: Mas ele é esperto.

A.: Sim, mas mesmo os espertos têm que seguir aprendendo coisas novas ao longo de toda a vida.

R.: Tem poucas coisas que o meu pai não sabe.

A.: Por exemplo?

R.: Não sabe que eu posso escolher!

A.: Então está na hora do pai aprender que tu podes escolher aquilo que queres fazer.

Uma vez que o pai estava, notoriamente, evitando comparecer as entrevistas de pais, justificando-se com a doença de seu próprio pai (câncer de próstata) que estava lhe tirando a disponibilidade de tempo para comparecer, segui trabalhando com a mãe. A qual refere que o filho vinha tendo dificuldade para fazer escolhas. Quando, por exemplo, queria assistir a um filme no vídeo, perguntava qual a mãe sugeria e ela procurava devolver a pergunta, mas observava que ele ficava se debatendo com a dúvida. Inclusive passou a usar subterfúgios para resolver seu problema, como o “jogo de pimponeta”. Agindo assim ele fazia a economia da escolha, deixando o acaso “responder” por ele.

Rafael foi promovido para a 1ª série, passou a freqüentar outra escola, já que a anterior era uma escola infantil. A nova era também uma escola muito conhecida de seus pais já que os dois lecionaram nesse estabelecimento e foi aí que se conheceram e começaram a namorar anos antes.

Nas minhas visitas regulares à escola tomei conhecimento, dentre outras coisas, sobre a preocupação da mãe de Rafael na época de entrega das avaliações aos pais, ela demonstrava seu estado ansioso ao presentear, sistematicamente, nessas ocasiões, a professora do filho. As outras informações a que me referi, em geral, eram referentes aos hábitos alimentares do aluno.

Por exemplo, ele só conseguia sair para o recreio após terminar o seu lanche, o qual naquela época, era muito volumoso. Conseqüentemente ele passou a ficar repetidas vezes sem recreio, já que não conseguia questionar sua mãe. Quando ele trazia no lanche barras de cereais estas já vinham desembulhadas de casa. Fora isso, sua desorganização na hora do lanche era evidente, com o qual a professora passou a interferir junto à mãe dele, a fim de proporcionar ao aluno que já contava

com nove anos, uma maior autonomia, participando, por exemplo, na escolha de seu próprio lanche.

São pais que não transitavam, que não dão voz à criança, porque se assim o fizessem, eles próprios ficariam na incerteza, pois quando se “ouve” o bebê, estamos sempre na dúvida. “Será mesmo disso que se trata? Por que será que ele está chorando? Será que está indisposto, porque se cansou e necessita dormir? Ou será que ele está chateado de estar só e agora quer companhia para brincar”? “O que será que ele está querendo me dizer com isso”?

Em compensação se se leva em conta somente um corpo em funcionamento, temos aí quase uma equação lógica. No dizer de Bergès e Balbo é um corpo significativo, ou seja, não é um corpo que evoca significados, sentidos. Dito de outra forma, não é um corpo real, recoberto pelo imaginário e simbólico como seria de se esperar.

Vai nessa mesma direção interpretativa o fato da mãe, freqüentemente testar a capacidade do filho. Era uma frase recorrente nas entrevistas com ela, “eu só falei isso para ver o que ele fazia/eu só fiz isso para ver o que ele dizia”. Ela queria ter certeza da conexão dele com o que lhe acontecia, por exemplo, então o questionava: “O que foi mesmo que o Dr falou?” , após uma consulta com o neurologista.

Embora eu ainda não tenha referido questões sobre o relacionamento do casal de pais, não quer dizer que não tenha estado atenta para isso. O pai costuma responsabilizar a mãe pelos problemas psíquicos do filho. Ele critica a superproteção dela, mas não consegue interferir nisso, pelo contrário, ele também age assim com o filho, mas nega. Para ilustrar esse ponto evoco o exemplo do baile, onde se viram obrigados a dançar com o filho no meio deles. Aqui se testemunha a dificuldade dos

pais em dizer não a esse filho, de onde ele enuncia: “Todos me dizem sim”. Ele se sente o centro desse casal. A mãe não confere ao pai um lugar especial e diverso do lugar de filho, pelo contrário é seu filho quem ocupa lugar tão especial. Esperaria-se que o filho ocupasse tal lugar, a saber, o de falo imaginário, até que esse lugar fosse reivindicado pelo pai, afinal é ele quem possui o falo, com o qual poderá responder ao desejo materno. Só que não há esse deslocamento, seja porque o pai não protesta, ou seja, porque a mãe não lhe deseja sexualmente. Há um desencontro amoroso que torna a relação mãe-filho incestuosa.

Um dos recursos que introduzimos logo de saída no trabalho foi o desenho. Havia dias em que Rafael vinha mais agitado, falando de uma forma menos compreensiva, como eu não o compreendia, comecei a propor que ele me contasse de outra forma, o que vinha falando. Propus que ele fizesse um desenho, mostrando numa imagem a novidade que ele chegava contando. Então, ele prontamente sentava junto à mesa de trabalho e se punha a desenhar.

Naquele primeiro dia em que isso aconteceu, ele desenhou um ônibus. A novidade era, justamente, que ele tinha saído de ônibus com sua mãe. Logo, o ruído do ônibus já não o invadia mais, como outrora, ou seja, essa era realmente uma grande novidade!

**Figura 2: O ônibus T5**

As imagens que ele foi sucessivamente criando, a partir do desenho, mostravam localidades que ele não só conhecia, mas que também freqüentava sistematicamente. Eram estas: A cidade natal do pai que fica no interior do estado, onde vivem vários familiares, inclusive os avós paternos; e as praias em que eles veraneiam. Rafael passou a criar mapas que continham essas cidades, era uma costura geográfica que ele ia fazendo através da elaboração desses mapas inventados. Na medida em que ele ia registrando, ele me pedia para ficar com esse material e eu permitia. Observava que a confecção dessas imagens tinham um valor de inscrições simbólicas para ele, a invenção do mapa, criava uma linha contínua que juntava os pedaços, integrando aquilo que antes estava solto, fragmentado. Tais fragmentos eram os passos que ele dava, as andanças que ele fazia com sua família, ou seja, seu dia-a-dia. Além disso, há um valor metafórico na construção dessas imagens, pelo o que já abordei no sentido de dar um norte à sua circulação, mas também porque a palavra MAPA nos remete a MÃE e PAI. Aqui há uma elaboração de sua origem: “**Quem sou eu**”? Que aliás era uma questão já colocada de saída no tratamento, o qual, diga-se de passagem o auxiliou à direcioná-la.

O interesse dele pela Geografia foi se estabelecendo, através da escola seu conhecimento nessa área foi se ampliando. As aulas de Geografia passaram a ter um valor ainda maior e Rafael começou a se mostrar incansável na pesquisa de novos conhecimentos geográficos. Eu passei a dispor no consultório de um Atlas para suas consultas. Assim os mapas passaram a ter um traçado não mais inventado e sim o traçado adotado passou a ser o do código universal (ou compartilhado) a que estamos referidos.

Parece-me que há algo próprio a constituição de uma filiação, processo simbólico que ainda está em andamento no trabalho clínico. Rafael brinca com as descobertas que vai fazendo, procurando grandes cidades no Atlas, tipo Nova York, Los Angeles, São Francisco, São Paulo e investigando se essas são banhadas por oceanos ou não. Querendo saber sobre o número de habitantes de cada uma delas, interessado na imensidão das localidades.



**Figura 3: Mapa da Região Sul**

**Figura 4: Mapa da América**

Trabalhei também com a escrita, a partir da construção de histórias. No uso desse recurso clínico ficava evidente a deriva de seu pensamento. Apresento uma amostra dessa atividade com uma história inventada por ele em sessão.

**O astronauta que fez uma gravidade com os robôs**

*como tudo começou de repente um dia o astronauta ele tinha chegado há muito tempo na lua na casa de astronautas*

*quando um dia depois o carro espacial decolou e foi indo saindo como um foguete enquanto isso o carro estava chegando na terra*

*e de repente o "caro" (neste momento ele pronuncia desta forma a palavra carro) começou a sair para a terra*

*chegou na terra há muito tempo atrás*

*tinha asteróides em marte*

*ele encontrou o megaletronix e o professor faz tudo*

*ele encontrou o mega 1 e mega 2 e de repente os cientistas soturno preparou um canhão para lançar microdextrux são asteróides de bactérias*

*eles desceram com os paraquedas e começaram a descer para a batalha*

*de repente passou um super mega robô 2 e encontra o mega 1*

daqui a alguns minutos encontraram os robôs 7 o U e o B  
as microdestrux começaram a descer descer descer  
de repente o mega formou um super mega robô  
uma coisa tão inchada  
eles passaram para a batalha  
passaram uma coisa na cintura do mega robô que era o vídeogamemix (que se  
transforma em robô, ele me explica)  
chegaram na base da filmadora e do secador e de repente caplech pum deu um  
soco num e formaram uma macrodestrux  
formaram uma super arma secreta  
enquanto os megaletronix estavam lutando na terra o carro espacial passou até  
marte e foi lançando como uma dinamite  
chegaram nos asteróides  
cidade espacial de life on mars  
passaram tantas horas passaram na casa  
os carros ele construiu e chegou  
ele construiu um super robô que parece o megabox a cassiopéia e até também os  
power-rangers  
ele construiu um robô o mega 1 que pode ser desmontado  
ele construiu muito bem e também um robô bem legal que parece o megabox e  
algumas naves que se transformam em gigantescos robôs  
estas naves estavam felizes e vão voltar para a lua e passou muito tempo até  
construírem um numerix 7 e o eletronix B e ficaram numa casa com todos estes  
espaciais  
passou muito tempo e voltou para a terra

*espere aí ele esqueceu de ir na casa de cassiopéia  
passou tantas conversas com o robô  
voltou para a terra e apostaram uma corrida bem legal!*

Nessa época ele estava com 7 anos, cursando a 2ª série. Ao chegar na clínica me pede que escreva a história que acaba de inventar. Ele, então, me dita frase por frase e eu tomo nota na forma como reproduzi aqui, ou seja, sem pontuação, apenas mudando de linha a cada pausa que ele faz. Quando ele me diz que acabou a história, eu proponho ler para ele revisar. Ele escuta e confirma que era isso mesmo.

A intervenção clínica neste momento consistia em fazer o registro da história e a posterior leitura, a fim de que ele talvez pudesse retomar algum trecho, na tentativa de tornar mais compreensivo seu texto. Isso não aconteceu, mesmo assim, eu optei por não intervir diretamente em nenhum ponto. Apenas consegui saber que seus personagens existem enquanto objetos, pois são bonecos, distribuídos como brindes nas edições de uma revista infantil, chamada Recreio, das quais ele possui uma série de números. Assim, fico sabendo que eram seus brinquedos preferidos, naquele momento.

Fiquei, especialmente, preocupada naquela época com a condução do trabalho. Entrei em contato com a professora, a fim de discutir com ela a repercussão dessa modalidade do pensamento de Rafael na produção escolar.

Eis aqui a abordagem da professora.

“(...) Isso foi um pouco difícil no início, porque ele tinha muita tendência a fazer uma viagem pelos pensamentos e aí trazia coisas que não tinham nada a ver

com as questões do grupo naquele momento, daí a gente tem a questão do grupo, é preciso estar bem atenta para não criar a idéia de que tudo o que o Rafael fala é engraçado, não é assim, o Rafael fala coisas importantes que precisam ser ouvidas e respeitadas. A gente tem que fazer essa ponte e ajudá-lo a se centrar no que estamos falando, no conteúdo.

Algumas vezes eu pedi para ele ler em voz alta:

Rafael lê prá 'profe' a tua história.

O que é que tem muito aqui neste teu texto”?

Rafael: “Ah! pois é, tem de repente, de repente e de repente”.

Ela segue me explicando o seu método: “Não que ele fosse mudar naquele momento, mas a leitura em voz alta fez ele ouvir a própria escrita e se dar conta daquilo que estava demais no texto”.

A professora demonstra estar atenta as particularidades de Rafael, ela monta um esquema de trabalho de leitura com a turma, fazendo-os ler em voz alta para que a auto-crítica vá se construindo para cada um. Dessa forma ela não sai, automaticamente, corrigindo erros. Não, ela faz com que cada aluno se escute e escute os demais e que dessa interlocução retorne e se sobressaia o que não está bem, para que possa ser corrigido.

Esses fragmentos ilustram, o tipo de intervenção, que calcado no desejo de ensinar do professor, faz com que Rafael perceba melhor que há uma interpretação, um sentido a ser decifrado nas produções discursivas e que ele precisa estar atento a isto, para construir o seu próprio deciframento.

Nessa conversa com a professora fico sabendo que Rafael costumava situar nos seus temas as partes nas quais sua mãe lhe prestava alguma ajuda. Ele, então, traçava uma seta e escrevia: “Aqui, minha mãe me ajudou.”

Essa parece ser uma saída do engolfamento materno, é um esforço que ele faz, no sentido de se diferenciar do Outro. Para complementar essa interpretação, trago agora uma sessão dessa mesma época.

Aliás, trata-se de uma sessão de retorno das férias de inverno.

Ele chega dizendo que não precisa escrever “pandorga” no seu desenho, que ele vai apagar com uma tinta branca. Está um pouco agitado, pede para telefonar para casa e falar com sua mãe. Entendo, finalmente, que ele quer dizer à mãe que não escreva no desenho dele.

A.: “A mãe costuma escrever nos teus desenhos?”

R.: “As vezes ela pode mexer nas minhas coisas.”

A.: “As vezes tu deixas ela mexer nas tuas coisas, mas não sempre?”

R.: “É.”

A.: “Bom, como estamos falando das tuas coisas, é tu quem decide quando a mãe pode ou não se meter aí.”

R.: “Ela está estranha...”

A.: “É deves achar estranho isso dela querer meter-se nas tuas coisas.”

Ele se tranqüilizou, me convidou para jogar futebol no pátio e nós fomos.

Retomando o caminho das pesquisas do paciente, aparece o seu interesse pela constituição e funcionamento do corpo humano. As aulas escolares de Ciências o estimularam nesse sentido, a partir daí suas leituras preferidas passaram a ser

aquelas que se referem ao funcionamento dos órgãos internos que compõem o nosso corpo.

### **Figura 5: O Corpo Humano**



Temos aí uma demonstração do tipo de elaboração que ele vai armando. Se pode observar uma forçagem que ele faz, no sentido de integrar conhecimentos que ainda não estão consolidados. Por exemplo, quando desenha no interior do braço uma glândula especial, ou mesmo define um lugar no interior do corpo para situar o ombro. Ele se esforça para integrar todos os elementos que compõem esse corpo e mesmo não sabendo algumas coisas, as dúvidas não emergem.

Há uma certa impostura no saber que Rafael constrói, uma vez que ele é capaz de inventar uma resposta para algo que ele não sabe. Arma uma saída quando se sente acuado, quer dizer, não conhecer determinada coisa que lhe faz falta em algum momento, poderia funcionar como uma injunção e isso lhe desestabilizaria.

É claro que não faz parte da direção da cura nesse caso, interferir nesse processo, no sentido de apontar-lhe “o erro”. Continuo apostando na capacidade crescente dele em ir lidando com as dificuldades que vão surgindo, na medida em que ele vai amadurecendo. Para Rafael a inteligência é o seu forte, ele reconhece e valoriza muito isso. Através desse traço identificatório que tomou de seus pais, professores envolvidos com a produção de conhecimento, ele talvez possa no futuro,

dar-se conta dos furos em seu conhecimento, sem que estes sejam tomados como rombos diante dos quais ele sucumbiria.

Atualmente se chateia quando não obtém o conceito máximo nas provas. Ele luta para se alçar aos mais altos vãos, sem desanimar. Está cursando a 7ª série do Ensino Fundamental e desde a 5ª série que passou a ser avaliado através de provas, em função da dinâmica da escola que frequenta.

Nesse momento seu foco de interesse são carros e ônibus. Isso está, notoriamente, ligado ao fato de seu pai trabalhar com vendas de automóveis. No ano passado ele construiu uma maquete, representando uma revenda de carros. Eu o incentivei a trabalhar com sucatas e ele fez essa escolha temática. Primeiramente, enquanto planejava o trabalho mencionou a construção de uma cidade apresentando suas fronteiras. Mas acabou declinando dessa idéia para fazer o comércio de carros. Disse-me que faria isso, porque no futuro pretende ter uma dessas em sociedade com seu pai.

**Figura 6: Maquete Loja de Automóveis**



Observa-se um vacilo seu, entre mexer com algo que o fascina, como as cidades e suas fronteiras, ou manter-se junto ao pai, continuando e ampliando um

negócio que já é o do pai, mantendo-se na “atitude” paterna. Afirmo isso, me valendo de uma expressão que ele mesmo utilizou para responder-me sobre suas preferências quanto aos carros. Ele me dizia que o carro que seu pai gostaria de ter é uma Ferrari, eu imediatamente interrogo-lhe: “E tu, qual preferes?” ele diz: “Uma Ferrari também, eu tenho a mesma atitude de meu pai.”

O diálogo segue: “E a Ferrari sai da loja à 350km/h.”

Ao que eu respondo: “Mas e a lei? Como poderias desenvolver essa velocidade, se é proibido andar assim no trânsito?” Ele diz, sem titubear: “Só num caso de emergência, se eu fico doente e daí precisaria uma sirene, é que nem uma ambulância”!

Como essa, ainda me ocorre outra passagem, onde Rafael me conta que não terá festa de aniversário neste ano, em troca ganhará um celular, pois agora que fará 12 anos, já pode ter um celular. Antes disso, me explica, não poderia, pois os olhos de uma pessoa, só estão completamente formados aos 12 anos, tanto que um dia ele usou o celular do pai e ficou com os olhos vermelhos.

Mais uma vez se constata que a lógica de seu pensamento é ordenada pelo real do corpo. O padrão de amadurecimento nessa família não está dado pela subjetividade de cada um e sim pelos vestígios de desenvolvimento que o corpo revela. É uma referência que não passa pelo discurso e sim pela imagem.

Mesmo assim Rafael é capaz de construir saídas para seus impasses. Aquele medo que o invadia inicialmente, ao ouvir o barulho vindo da rua, de um ônibus ou caminhão, dá lugar a uma significação. Ele agora escuta esses ruídos desde um lugar enunciativo, sabendo da diferença que há entre um veículo que tem uma embreagem automática ou não. Ultimamente, nossos encontros semanais iniciam com um diálogo em torno do tipo de veículo que eu utilizei para chegar na clínica.

Caso eu responda que fui de ônibus ou de lotação, ele faz questão de saber de que marca era. Diante de minha ignorância sobre isso, ele me indica os vários locais situados dentro do veículo que estampam o símbolo da marca do mesmo. E por último ele fala dessa diferença nos motores e embreagens.

Houve um momento, há um ano e meio atrás que os pais estavam se separando, por iniciativa da mãe. O pai não queria aceitar a decisão dela e muito insistiu para manter a união. A fim de que Rafael falasse a respeito do conflito entre os pais, insisti para que ele viesse trabalhar comigo na mesa para desenhar ou escrever. É comum ele querer repetir uma brincadeira ou um jogo que gosta muito, naquele momento seu interesse estava voltado para o jogo de boliche e era disso que queria brincar, mas diante de meu pedido ele cede, senta e se põe a escrever.

*Era uma vez num lugar muito distante, havia 7 irmãos: Rafael, João, Henrique, Pedro, Gabriel, Maria e Paula. O amigo de Rafael era Lucas, irmão adotado. Eles eram alegres, tinha uma piscina, uma fazendinha e um campo de futebol e ginásio de volêi. Um dia formaram um clube de futebol chamado Floresta Futebol Clube. Eles tinham os cachorros Pitu, Pitucha, Bidu, Sumytcher e Pitoco. Naquele campo de futebol formaram uma pista de atletismo e um mini-estádio. Esse estádio se chamou Pinheirão dos Jacarés. Só os meninos jogaram nesse clube de futebol. As meninas junto com outra irmã adotada Cibele serviam de torcida juntos com os moradores do bairro floresta em Porto Esperança da Alegria. O Bairro floresta ficava próximo ao bairro paz. Os habitantes do bairro da paz também torciam pelo FFC. Os pais das crianças eram José e Anita com a madraستا simpática e carinhosa Bere. Para entrar no clube precisava de mais quatro jogadores, que*

*vieram do bairro da Paz. Richard, Vinicius e Luis e Gustavo. Toda a família daqueles irmãos vivia numa mansão e era Mello dos Santos Oliveira Brathcovsky. Aquelas crianças estudavam no Colégio (usou o nome da sua escola e agregou a palavra que segue) da União. E todas aquelas crianças do FFC, participaram através do CBU com a Copa Fox Kids, Guri Bom de Bola, E campeonato Gaúcho de Mirins.*

(Aqui houve uma interrupção da história por falta de tempo para continuá-la naquela sessão. Foi retomada três semanas depois e finalizada com o parágrafo que segue).

*Anita ganhou esses filhos por quê o José tinha percebido um susto e ganhou tranqüilidade e depois no seu pênis foi reproduzido muitos e muitos espermatozoides. Após isso cada tempo aconteceu nascimentos. Todos nasceram com parto normal, menos Gabriel e Pedro que foi cesária. Após isso Bere, a madrastra ofereceu dois amigos que Rafael queria e se tornou irmãos adotivos.*

Os nomes que ele utilizou para representar os personagens são reais, ou seja são os nomes de seus colegas e amigos, a maioria que freqüenta juntamente com ele, uma escolinha de futebol que funciona no seu próprio colégio. O nome da “madrasta simpática e carinhosa” é o nome de sua mãe, o mesmo acontece com o pai, já o nome da mãe na história ele inventou. O sobrenome da família é uma junção do sobrenome de solteira de sua mãe e o sobrenome do pai. Fiz algumas substituições por nomes fictícios e não anexei o desenho ao texto, em função de não expor, publicamente, o paciente.

Comparativamente à história anterior pode-se constatar uma organização maior, a explanação das idéias se deu de forma mais compreensiva e há um encadeamento nas frases.

O conteúdo do texto se refere diretamente ao conflito conjugal de seus pais e sua resolução. Trata-se de um final feliz para algumas de suas próprias faltas, ou seja, poder ganhar um irmão ou alguns irmãos é um desejo que ele costuma declarar. Ter cachorros, morar numa mansão, contar com um campo de futebol para poder jogar com os amigos.

Além disso, formar uma família para o pai, o qual tem se mostrado muito fragilizado com o desejo de separação de sua esposa, faz parte da resolução. Já a mãe permanece com seu filho e os outros dois adotivos. Na realidade a mãe tentou uma segunda gestação sem êxito, acontecimento que, me parece ter sido relevante no distanciamento do casal de pais com o conseqüente desejo de separação da esposa.

O fato dela não ter um companheiro na história dele, como se lhe bastasse a companhia dos filhos, é mais um elemento significativo. Aponta para o viés incestuoso que se mantém na relação mãe-filho.

Na verdade o casal acabou não se separando. O pai parece ter se infantilizado, passou a ter sintomas psicossomáticos, o que assustou a esposa que resolveu voltar atrás na sua decisão.

No dia das mães do ano passado Rafael, entregou para sua mãe a seguinte carta:

05/05/05

*“Mamãe querida,*

*Estou orgulhossíssimo de ter vivido uma década de esperança*

*Mas não é até isso que viverei com você, viverei contigo para sempre junto com o melhor perfume do Universo que é tu.*

*Quando a sua hora chegar eu ficarei tranqüilo a mais uma década e depois eu já sentirei seu cheiro belo.*

*Querida lembranças a tu, quando estava dentro da sua casa, que vivi, já estava tão orgulhoso e mesmo sem a comunicação e já conheci e amei você. Tempos depois quando resolvi sair de ti e conhecer o mundo, já liguei pra ti porque já sabia que você é tão preciosa, mais valiosa que o ouro e o universo.*

*Por isso , desde que ti conheci já provo que tu nunca estará á venda, exclusive pro diabólico.*

*E a melhor mãe do mundo é*

*TU*

*E tu terás uma maravilhosa tecnologia de presente.\**

*Assinado="Seu precioso filho"*

\* Ele está se referindo a um telefone celular que era o presente que ela tinha ganhado, naquela oportunidade.

É uma carta muito comovente, onde ele dá voz ao amor que sente pela mãe. A referência à vivência de uma década de esperança ao lado dela, refere-se a seu tempo de vida. Mais uma vez Rafael se coloca numa posição convicta, ou seja, não há dúvida de que partiu dele o primeiro contato que teve com sua mãe. Ele se refere à casa dela que ele habitava, que na verdade era o ventre da mãe e que ao sair de lá, faz um chamado à mãe, lhe telefona. Aqui me parece que ele está de alguma forma tomado pela imagem do telefone celular, com o qual ele está presenteando ela, no seu dia.

Quanto à frase seguinte da carta, onde ele se refere à impossibilidade de vendê-la, me parece muito enigmática, ainda mais quando a frase produz um sentido que para o diabólico, sim ela estaria à venda. De qualquer forma há uma analogia na série associativa dele da mãe como um objeto, a ser ou não comercializado. São idéias que me ocorrem a partir, apenas, da leitura da carta, pois esse foi um material que a mãe me passou.

São muitas as questões que ainda me faço, mas há uma em especial que insiste. Diz respeito à posição de Rafael frente ao desejo de seus pais. Ele ainda está fixado ao gozo do Outro, ou sua posição de mestria, denota, justamente, uma separação e não mais uma alienação?

São interrogantes que freqüentemente retornam, mas ao mesmo tempo, não me fazem esquecer o desdobramento que esse caso testemunha. Dito de outro modo, as saídas que o paciente tem sido capaz de construir parecem emergir de um lugar próprio, lugar enunciativo que o integra num laço social.



## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Recentemente, Rafael me disse a seguinte frase: “Minha mãe está me educando”. Nós conversávamos sobre as atividades que ele têm participado em seu cotidiano. Tipo: coral da igreja, aulas de teclado, inglês e futsal. Eu quis saber como ele estava indo a esses lugares e ele me respondeu que vai de transporte escolar e as vezes sua mãe o leva. E terminou o diálogo com essa frase.

Quer dizer que ele está conforme a educação que recebe, sua mãe sabe o que é melhor para ele, isso é certo. A não ser quando ela o proíbe de fazer algo que ele quer muito. Nesses momentos ele recorre a mim para interceder junto aos pais.

Um dia, por exemplo, foi para poder assistir ao último filme de Harry Potter. Outra vez, era para o seu pai autorizá-lo a trazer seus legos para a sessão. Eu o ajudo a fazer valer sua palavra, junto aos pais, uma vez que o trabalho que se fez com eles, até então, não surtiu tanto efeito, é um casal que resiste, intensamente, em se deixar atravessar pela **falta**.

Esse é um caso que talvez permita ainda, **muito rapidamente**, articular os conceitos lacanianos de fronteira/litoral, tomando, por exemplo, o desenho que vimos, anteriormente, que mostra o corpo humano. Há ali a elaboração de uma borda litorânea, na medida em que faz limite entre o corpo e o mundo, duas naturezas tão diversas. Aquela imagem do corpo humano, mostra um traçado contínuo, porque não dizer moebiano, sem separação entre um dentro e um fora, é uma demonstração transparente. Já, fronteira aparece constituída em seus desenhos geográficos, aqueles que limitam territórios, são divisores de águas, contornos organizadores.

Retomando a frase: “Minha mãe está me educando”; ressalto o seu caráter emblemático, pois atesta que o desejo materno deixa de ser um enigma para ser uma determinação.

Bem, mas é hora de colocar um ponto final no texto, não diria o mesmo sobre a pesquisa. Na medida em que o trabalho continua e agora de uma forma mais iluminada. Essa reflexão foi um exercício capaz de lançar-me revigorada numa via de reconhecimento da trajetória de alguém que vivia numa atopia, parafraseando Charles Melman (2002), para inaugurar uma possibilidade de existência.

## REFERÊNCIAS

Balbo G. ***O Mundo a gente traça***. Considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil. Salvador: Ágalma, 1996.

Balbo G. & Bergès J. ***A criança e a psicanálise***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_ ***Psicose, autismo e falha cognitiva na criança***. Porto Alegre: CMC, 2003 (a).

\_\_\_\_\_ ***Há um infantil da Psicose?*** Porto Alegre: CMC, 2003 (b).

\_\_\_\_\_ ***Jogo de posições da mãe e da criança – Ensaio sobre o transitivismo***. Porto Alegre: CMC, 2002.

\_\_\_\_\_ ***Seminário 1, A atualidade das teorias sexuais infantis***. Porto Alegre: CMC, 2001.

\_\_\_\_\_ ***Seminário 2, Há um infantil da psicose?*** Porto Alegre: CMC, 2002.

Bruner, N. *Luto e Melancolia na infância*, **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 21, 2001.

Calligaris, C. ***Hipótese sobre o fantasma***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

\_\_\_\_\_ ***Introdução a uma clínica diferencial das psicoses***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Dolto, F. Prefácio. In: Mannoni, M. ***A primeira entrevista em psicanálise***. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

Fédida, P. *Nome*, ***Figura e Memória: A Linguagem na Situação psicanalítica***. São Paulo: Escuta, 1991.

\_\_\_\_\_ ***Le cas em controverse***. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

Figueiredo, L. C. ***A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica***. In pesquisa em psicologia fundamental. São Paulo: Escuta, 2002.

Freud, S. ***Conferências introdutórias sobre psicanálise***. 27ª Conferência *A Transferência*. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (1916-1917 [1915-1917]1969).

Jerusalinsky, A. N. ***Psicanálise e desenvolvimento infantil, um enfoque transdisciplinar***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_ *Boletim da APPOA* nº 9. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

\_\_\_\_\_ ***Seminários I***. São Paulo: USP, 2001.

Julien, P. ***As Psicoses. Um estudo sobre a paranóia comum***. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

\_\_\_\_\_ **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

Lacan, J. **O Seminário, As psicoses. Livro 3.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_ **O Seminário, Mais ainda. Livro 20.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Mannoni, M. **Enfance aliénée.** Paris, Denoël, 1984.

Melman, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio.** Porto Alegre, CMC, 2003.

\_\_\_\_\_ A identificação. Texto apresentado na sessão de abertura das Jornadas de Lille, em março/78, encontra-se publicado no vol. 22 das "*lettres de l'ÉFP*". In: **Pontuações** – Circulação interna, responsável pela publicação: Aldúcio M. de Souza, São Paulo, 1983.

Molina, S. E. **Materiais e recursos para serem incluídos nas sessões.** Texto de circulação interna no Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, 2002.

Thibierge, E. **L'identification speculiere.** [WWW.freud-lacan.com](http://WWW.freud-lacan.com). Copyright Association Freudienne Internationale. Paris, 2000.

Taillandier, G. **Resenha do seminário "A identificação", de J. Lacan.** In Ari Roitman (org.), *As identificações.* Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

Vorcaro, A. M. R. **Crianças na psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

\_\_\_\_\_ **A criança na clínica psicanalítica.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

